

## Desemaranhando fios

Eliana Rea Goldschmidt\*

Fausto, Boris. *O crime do restaurante chinês: carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 30*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 264 p.

O autor do clássico *A Revolução de 1930* apresenta agora um livro surpreendente. O historiador Boris Fausto envereda pelos caminhos da micro-história elegendo a chacina ocorrida no carnaval de 1938, em um restaurante chinês do centro de São Paulo, o episódio principal de sua investigação. A observação parte do crime e das pessoas simples nele implicadas para se ramificar em vários aspectos socioculturais dos paulistanos no período, como crescimento urbano, modernização significativa, afluxo de migrantes e imigrantes, valorização das relações de trabalho, preconceitos raciais, desenvolvimento da opinião pública, atuação da polícia e da justiça. A análise histórica se fundamenta nos volumes do processo e nos jornais da época, com impressionante material ilustrativo. Ao mesmo tempo, Boris Fausto retoma acontecimentos da década de 1930 recorrendo às lembranças pessoais, envolvendo o leitor em uma narrativa fascinante. Sendo assim, é difícil não se emocionar com a leitura de *O crime do restaurante chinês*.

No centro da cidade de São Paulo, em 1938, circulavam antigos paulistanos, gente vinda do interior e de outros estados, imigrantes da Europa e da Ásia. O carnaval permitia que todos participassem da mesma festividade e as ruas centrais paulistanas eram tomadas por corsos de automóveis levando famílias inteiras, desfiles de carros alegóricos, ranchos e cordões. Os artigos carnavalescos como lança-perfume e confete não podiam faltar. Nos salões, os bailes dos hotéis e do *Mappin Stores* destacavam-se pelo ambiente sofisticado. Já a multidão se divertia em bandos de mascarados ou dançava, ao som de marchas e sambas, nos tablados erguidos nas praças. Naquele ano, um grupo de chineses e seus descendentes partiu em um carro para passear pela cidade. Ho-Fung e Maria Akiau, ao retornarem, foram brutalmente assassinados.

A terrível morte do casal de proprietários do restaurante chinês da rua Wenceslau Braz, Ho-Fung e Maria Akiau, além de

\* Eliana Rea Goldschmidt é historiadora e autora dos livros *Casamentos mistos: liberdade e escravidão em São Paulo colonial* e *Convivendo com o pecado na sociedade colonial paulista, 1719-1822*.

dois funcionários, chocou a população. Foi notícia nas rádios e nos jornais e as investigações da polícia para solucionar os homicídios se concentraram em “um preto suspeito”, o ex-empregado do local Arias de Oliveira. A violência física era evitada em casos de grande repercussão social e na apuração do delito foram utilizadas técnicas da Escola Positiva, o que não era usual. Os peritos encarregados do caso confiavam que iriam descobrir quem era o autor da chacina e qual a sua personalidade, sendo Arias submetido a vários exames e testes (como exame de suspeitos, exame antropopsiquiátrico, teste de Jung-Bleuler, teste de Rorschach, testes de caráter, exame morfológico de Kretschmer, exame tipológico e exame médico geral). De fato, quando surgiu a confissão, o delegado encarregado ressaltou que não haviam sido usados meios violentos, elogiando os métodos científicos, os quais, ao lado de outras provas, levaram à conclusão da culpa de Arias. No entanto, não resultaram na sua condenação.

A defesa de Arias de Oliveira no Tribunal do Júri não poupou ataques ao trabalho da polícia, procurando demonstrar a inconsistência das provas, a imprestabilidade da confissão e a relatividade de testes que tudo queriam explicar. Tratou de contestar com pareceres médicos o resultado apresentado pela perícia e formulou uma questão crucial: era justificável ou não, no estado atual da ciência, a aplicação da psicanálise na prática judiciária? O destaque foi o pronunciamento do dr. Antônio Carlos Pacheco e Silva, professor catedrático de clínica psiquiátrica da Faculdade de Medicina da USP. Ele liderava a resistência dos meios acadêmicos à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, visando especialmente um de seus fundadores, o dr. Durval Marcondes. Crítico dos princípios da Escola Positiva, Pacheco e Silva respondeu negativamente à pergunta.

Controvérsias científicas à parte, Boris Fausto considera fundamental para a absolvição a simpatia generalizada que a figura de Arias foi despertando na opinião pública de São Paulo, culminando com a euforia provocada pela Copa do Mundo disputada na França. A efervescência em torno dos jogos é facilmente percebida nos jornais que noticiaram as comemorações após as vitórias: foguetes, bandeira brasileira hasteada, buzinas, apito das fábricas, passeatas no centro, bondes tomados por torcedores. Para Fausto, no entusiasmo popular pelo campeonato mundial de futebol, a semelhança entre Arias de Oliveira e o ídolo Leônidas da Silva, o Diamante Negro, poderia ter consolidado uma impressão favorável ao primeiro, influenciando no desfecho do caso. Logo ao ser preso, o jornal *A Gazeta*, por exemplo, assim

o descreveu em sua edição de 22 de março: “um mulato escuro, que, não obstante, é até simpático; não oferece fisionomicamente a impressão de criminoso ou de tarado. Tem a fala mansa e seus gestos são lentos e untuosos. Não fuma e pelo que se sabe não registra antecedentes criminais”.

Seria um “fio de sensibilidade” a ligar dois personagens dos acontecimentos daquele ano, começando no carnaval e terminando na Copa do Mundo. Entretanto, há outro “fio” ligando o menino Boris Fausto, que no carnaval de 1938 se divertiu com os parentes no curso da avenida São João, a Arias de Oliveira. Após aquela festa, um perdeu a mãe, o outro, a liberdade. Para ambos restou, além do desamparo, a incerteza. Se a *causa mortis* não ficou clara no primeiro caso, a máxima *in dubio pro reo* foi a marca do segundo.



---

**ELIANA REA GOLDSCHMIDT**

Rua Tabapuã, 1661/82  
04533-014 São Paulo - SP  
Tel.: 11 3078-6292  
elianagold@gmail.com

RECEBIDO 02.10.2009  
ACEITO 09.10.2009